2.ª SERIE. TOMO II.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 9. QUINTA FEIRA, 6 DE DEZEMBRO DE 1849. 9.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

OS PREMIOS DA EXPOSIÇÃO DA INDUSTRIA NACIONAL.

126 A Exposição da Industria Nacional está ao presente sendo julgada pelo jury especial, nomeado pelo Conselho da Sociedade Promotora da Industria.

Um grande encargo pesa sobre esse jury, e uma grave responsabilidade tomou a si a Sociedade.

Sabemos respeitar as exigencias destas duas poderosas circumstancias, e, não as esqueceremos, no que vamos escrever.

As Exposições da Industria são um facto moderno, acceito já por todas as nações civilisadas. Em toda a parte, o governo as reconheceu como um elemento seu, e tomou a si a iniciativa e a realisação desse grande facto.

Como diz um escriptor distincto — o que hoje para a França é uma das mais uteis instituições industriaes, foi a principio o meio de celebrar um festejo nacional. Ao findarem as campanhas da Italia, o Ministro do Interior, Francisco Neufchateau, para celebrar o anniversario da republica, convocou os guerreiros coroados ainda pelas verdes palmas de triumphos recentes, para saudarem o fructo do trabalho nacional. O amor da patria surge puro deste pensamento regenerador, — e por isso, no futuro, este facto foi reproduzido cada vez com mais gloria.

Em Portugal, onde se não póde decidir ainda, se o principio da associação é ou não realisavel, observa-se um importante phenomeno em relação a este assumpto. Não é o Governo — é uma Sociedade particular que até hoje tem promovido as Exposições da Industria.

Folgâmos que assim seja — porque em nações pequenas, retalhadas por odios politicos, é mister que certos principios se desenvolvam fóra da acção governativa: — além disso, a nossa opinião em geral, é que as nações não abdicam, em nenhum systema de governo, os direitos que tem á vida moral concedida aos povos. — O governo é um meio, mas não é um fim: — mal do povo que de braços cruzados esperar que o maná da sua prosperidade lhe desça das pastas dos ministros! O que admittimos, o que nos parece justo, é que o Governo não seja nunca indifferente a esses actos, em que não toma a parte principal. — O auxilio que lhes prestar, em logar de favor, é, quanto a nós, dever imperioso.

O incremento da nossa industria fabril e a força, que a robusteceu, deram causa a varios acontecimentos que despertaram a attenção publica, e a fizeram dirigir para os resultados do trabalho das fabricas.

O paiz exhausto de riquezas, fatigado pela guerra, e tido por muitos como moribundo, sentiu que novo sangue lhe accelerava a circulação da vida, que apenas se conhecia na lenta e desegual melhoria da agricultura. Era a vida industrial que principiava. — O que havia sido impossivel para o genio que edificou Lisboa sobre as ruinas de um espantoso terremoto, foi possivel, quasi um seculo depois, para o genio do povo. As pautas poderam mais do que as grossas dotações de Pombal. Foi quando todos ouviam fallar das nossas fabricas, como de uma coisa nova, quando as machinas de vapôr se montavam, como por encanto, em varios pontos da capital, que a Sociedade Promotora da Industria Nacional voltou de novo á vida para servir a causa da industria. O seu primeiro passo foi para ella uma grande gloria.

Sem tempo, sem meios, com a sua acção limitada a Lisboa, o que as suas diligencias alcançou foi um milagre. Conhecemos que a Exposição não representa a industria do paiz, mas ninguem nos poderá provar, que era possivel obter mais com os elementos de que se podia dispôr.

A Sociedade, nem pelo seu titulo, nem pela sua organisação, é privativa da industria fabril — quanto a nós convém que o seja — mas o facto é que não é o pensamento unico da sua instituição. No primeiro artigo do seu — Programma — a Sociedade haveria completamente interpretado o que significam as palavras — Industria Nacional — se não houvera limitado os productos agricolas — as materias primas.

Exceptuando este ponto, tudo mais estava de accordo com o titulo da Sociedade, como se vê do seguinte periodo:

« A Sociedade Promotora da Industria Nacional convida todos os Fabricantes, Artistas, Proprietarios de Officinas, Laboratorios, Agricultores de qualquer

materia prima, e curiosos de ambos os sexos, tanto da capital como das provincias, nacionaes ou estrangeiros estabelecidos em Portugal, a concorrerem com os productos da sua industria e engenho á Exposição que a Sociedade pertende appresentar.»

O que fica escripto resolve a duvida, que poderia haver, ácerca do direito que as Bellas-Artes teem aos premios do Programma. As circulares do Conselho da Sociedade foram dirigidas a Fabricantes e Artistas: — não houve distincção na convocação; não a póde haver em nenhum acto posterior.

Não é novo que as Bellas-Artes figurem nas Exposições Industriaes, e assim como a Agricultura figurou na recente Exposição de París, já figurára em Turim nas Exposições da Industria ao lado das Bellas-Artes.

Somos justos quando pugnamos pela observancia do que se publicou. Se já pertencessemos ao concelho da Sociedade, quando alli se discutiram taes pontos, talvez houvessemos votado contra a admissão das bellas artes: hoje defendemos os seus direitos em concorrencia com os productos da industria fabril, porque assentamos que lhes não assiste direito que seja questionavel.

Louvamos por tanto que o jury, ao constituir-se, houvesse formado as seguintes commissões:

Artes mechanicas:
Tecidos:
Chimica:
Bellas artes.

O que póde fazer aproveitar a duvida por nós suscitada ácerca das bellas artes, é o diminuto numero de medalhas, em relação ao numero de expositores, á quantidade e qualidade dos productos e ao modo especial como se deve premiar estes primeiros esforços do trabalho nacional. Na situação em que estamos, o descontentamento seria seguido da desanimação, e é mister que a distribuição dos premios seja um meio de augmentar os expositores na futura exposição e não de os diminuir.

A Sociedade não póde fazer mais do que fez; talvez nem tanto lhe fosse possivel; o governo póde completar-lhe a obra. Os ministros visitaram a sala da exposição, sabem que para todas esses productos apenas ha treze medalhas, numero que não está em proporção com os premios que nas outras nações se distribuem aos expositores: por tanto podemos proporlhe o alvitre — do governo dobrar pela sua parte o numero dos premios. — A imprensa e o paiz o saudarão por tal facto. E se a verba desta despeza, por desventura nossa, não está no orçamento, por certo, que bem cabe no expediente de qualquer secretaria.

Animados pela crença, que temos no muito que a industria póde concorrer para a regeneração da patria, esperamos que os nossos collegas na imprensa nos prestem o apoio dos seus talentos na exposição das vantagens publicas, que resultariam da providencia governativa que solicitamos.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

COLHEITA DA AZEITONA.

Tendo-se extraviado o mui interessante artigo que se segue, só hoje podemos ter a satisfação de o publicar. Sirva esta falta involuntaria de nos desculpar, para com o nosso illustre correspondente.

127 No artigo 92 do 8.º anno da REVISTA, fiz um convite aos Agricultores Portuguezes a fim de esclacer ponto, que eu reputo importante na feitura do azeite de oliveira. A REVISTA compendiou então diversos artigos della, que resavam do mesmo objecto. Ainda estou a esperar o resultado de alguma experiencia. Forte desmaselo, forte incuria pela agricultura, o mais possante meio de chamar a felicidade dos Portuguezes!!! Como não vejo quem o faça melhor, appresento ao publico o resultado de algumas experiencias, que prometti: muito de proposito só agora venho com ellas á luz, com o fim de estimularem. Alguns para as repetirem estando no principio da apanha da azeitona; por que se as publicasse logo depois que as colhi, nem já lembradas eram. São diminutas bem o vejo: mas que quer a REVISTA se alguns proprietarios não venceram a sua inercia nem sendo pessoalmente rogados, *por especial obsequio*, por mim! Se a REVISTA pensar que estas experiencias teem algum valor, entendo que deve publical-as a fim de approveitarem esta escassa colheita. Taes quaes, ellas ahi vão. No concelho de Penella, districto de Coimbra, feita a experiencia com as condições postas no citado artigo, sete pucieiros (medida de que alli se usa) do pé da oliveira deram sete alqueires e quatro quartilhos de azeite; egual quantia depois de salgada, por 20 dias (só encheram pucieiros seis e meio) produziu sete alqueires e dez quartilhos. O azeite melhor em côr, gosto e puresa foi o da azeitona salgada. Houve grande difficuldade em extrair o azeite da massa, e até em accomodar este dentro das ceiras, as quaes, além disso resvalavam uma sobre as outras, fugindo á pressão da vara do lagar.

No concelho de Miranda do Corvo, districto de Coimbra, houve as mesmas difficuldades; e eguaes quantidades de azeitona deram, a não salgada, alqueires sete e meio — e a salgada, por 24 dias, oito e meio de azeite; este tambem foi o melhor.

No concelho de Figueiró dos Vinhos, districto de Leiria, a azeitona não salgada, e do pé da oliveira deu alqueires de azeite, seis; a salgada por 48 dias, deu seis e vinte quartilhos. Houve as mesmas difficuldades marcadas no primeiro exemplo, e o azeite salgado foi o melhor.

Logo a azeitona salgada deu sempre mais e melhor azeite do que a não salgada, e feita logo que apanhada. É tambem muito para notar as difficuldades que todos experimentaram na extracção do azeite, e pressão da massa da azeitona não salgada: donde se póde dizer que alguma modificação o sal produz na azeitona: de certo o costume de salgar azeitona, mesmo aquella que se faz logo do pé da oliveira, é para obviar a este inconveniente, e não só para salgar o azeite tornando-o melhor, como geralmente se diz. A proporção, a maior, da quantidade do azeite não é regular com os dias de tulha. Porém muitos dados faltaram para rigorosa deducção: não foi possivel

medir o gráo de temperatura, que a tulha alcançou — nem a quantidade de sal, com que foi temperada a azeitona, nem a pressão em que ficou a azeitona; eu entendo que tudo isto deve influir no resultado. A minha posição não me deixa levar as experiencias a tal apuro, nem deixará. Os proprietarios e os chimicos teem o caminho aberto para trilharem e chegarem uns a augmentarem o seu rendimento, outros a sciencia. Eu não pertenço a nenhuns: sou — curioso das coisas agricolas.

¿Deve admirar tal resultado? Não. Todos sabem que qualquer fructo, um pecego, um melão, um pero, por exemplo, não apresenta o seu sainete proprio tão perfeito, ou tão abundante senão depois de estarem colhidos mais ou menos tempo, e conservados em logar secco e quente, principalmente se são colhidos sobre o verde. Será porque evaporaram a sua agua de vegetação? Não: porque se tal fosse, seccos logo que apanhados, deviam ter o seu gosto e cheiro proprio, o que ninguem dirá: ¿então donde-lhes veio o principio immediato, que caracterisa o fructo? Penso que de novas decomposições e combinações ou de outros principios immediatos ou componentes. Fremy viu que a pectina dos fructos augmenta pela acção de um acido, e pela cosedura; Soubeiran que os marmellos, maçãs rainetas, e as groselhas redusidas a polpa, e tirando a esta os summos, dão mais pectina, tractadas pela agua acidula quente, do que deram seus proprios succos: *Journal de Pharmacie et de chimie* — 3.ª serie folhas 417. Já disse em outro artigo, que á REVISTA esqueceu enumerar, quando fez a sua resenha, que alguns vegetaes dão mais oleo essencial depois de seccos, do que davam recentes, tomadas as cautellas que aconselhei para a azeitona. O assucar, o amido em acção chimico, com o acido asotico, dão acido oxalico etc. etc. Seria não acabar se levasse a minha curiosidade a enumerar os variados factos, que não podem ter outra explicação senão a que já dei.

E porque negar o mesmo á azeitona, que pomos em circunstancias tão favoraveis ás acções chimicas, principalmente ajuntando-lhe o chloro e o sodium, que tanta acção teem, principalmente o primeiro sobre os corpos gordurosos? Acrescendo ainda o ser a azeitona, em geral colhida, ainda pouco madura.

Coimbra, 27 de outubro de 1849. UM CURIOSO.

PANICEUM.

128 Em Londres, M. R. E. Lee expoz ao publico um modelo de uma machina, á qual denominou *Paniceum*, para servir á fabricação do pão de toda a qualidade. Por meio desta machina, deixa de ser necessario o trabalho desde que a farinha sahe dos saccos até que o pão esteja prompto para entrar para o forno.

O emprego da agua preparada é o que distingue principalmente esta machina do modo de fabricar o pão actualmente. O processo empregado por esta machina faz economisar 15 por cento nas propriedades nutritivas do pão, saíndo este mais saudavel e saboroso.

A farinha e a agua estão reguladas por meio de um engenhoso apparelho com egual gráo de velocidade, marcando-se a quantidade do fluido por meio de um regulador, que designa sempre as proporções entre a farinha e a agua.

A machina estabelece por si mesmo o pezo de cada pão, e impede que este não varie nem de uma fracção de onça.

M. Lee demonstrou a utilidade da machina para executar todas as operações do officio de padeiro, tanto separadas como simultaneamente.

Ha um outro apparelho que regula o calor do forno, de modo que deixa sempre certo o padeiro de que a sua fornada não saírá nem crua, nem cosida de mais, nem queimada.

Uma destas machinas, que póde fabricar 600 pães em uma hora, custa 675 mil réis.

* * *

INSTRUCÇÃO PUBLICA.

Discurso de abertura da cadeira de philosophia racional e moral do Lyceo de Lisboa (secção occidental) recitado pelo oppositor da faculdade de philosophia, Manuel dos Santos Pereira Jardim, no dia 5 de Novembro.

129 Ao assentar-me nesta cadeira, Senhores, não pude deixar de sentir uma forte commoção. Não é o grande auditorio que me assusta, eu não o esperava; nem tão pouco as palavras dos illustres professores que aqui me tenham precedido, e cujos eccos viesse hoje accordar.

Foi por um lado fortuna minha, o não ter recebido com esta cadeira a missão de sustentar com as minhas debeis palavras os eloquentes discursos de outrem.

Mas, Senhores, ao pae que tem coração bastante nobre para desejar apoz de si um bom nome, e crear uma illustre descendencia, não sei se magoará mais o fallecerem-lhe as forças para educar a sua progenie, do que áquelle que herdou a responsabilidade dos grandes feitos da familia. Este, se Deus lhe recusou talento para continuar as illustres acções de seus maiores, póde dizer aos filhos — olhae a traz de mim e lá vereis bons modelos a imitar: aquelle não tem antepassados, duvida de si; tem só o seu coração.

Eu sou, Senhores, neste logar o homem sem antepassados, porque aqui ainda se não assentaram outros professores de philosophia: sem nome, e duvidando que as minhas forças intellectuaes possam educar uma nobre e illustre descendencia, qual eu desejára que fossem os filhos desta aula.

Mas, se eu não tinha confiança em mim, direis vós, e se o meu coração só mira o excellente, para que sollicitar uma cadeira destas, e n'uma cidade como Lisboa aonde já professam a philosophia nomes tão illustres na republica das letras!.... Foram circumstancias da minha vida particular, que me trouxeram aqui; e a homens cavalheiros, como vós, este unico motivo bastaria para merecer a sua indulgencia, se a novidade da doutrina com os rapidos progressos que

tem tido em Allemanha, e a minha inexperiencia do magisterio não fossem para isso razões em demasia.

A philosophia que me cumpre explicar-vos, é a do seculo 19. São os pensamentos de nossos paes, são as idéas dos nossos dias, que devem ser desenvolvidos e aperfeiçoados por nós e pelos gerações futuras.

Mas é a philosophia alguma coisa real, necessaria á vida humana, ou será puramente o producto da vida ociosa de alguns homens; o sonho de alguns visionarios?

Uma simples reflexão basta para nos convencer de que a philosophia é contemporanea do homem na superficie da terra: necessaria, e fatal á sua existencia.

O primeiro homem que appareceu sobre o globo e viu a aurora da creação, achando-se cercado de tantas maravilhas, como a terra que calcava, a abobada celeste que o cobria; as plantas e os animaes que em roda delle viviam, necessariamente procurou a si mesmo, quem era, donde vinha, e para onde ía. Neste momento creou a philosophia, porque a philosophia na sua expressão mais geral, na sua significação mais extensa é a reflexão: e o homem quando quiz saber quem era reflectiu (1).

Mas estas reflexões vagas e desordenadas pouco lhe aproveitavam. Impressionado por infinitos objectos, que, como outros tantos problemas que propunha a si mesmo, não podia resolver simultaneamente, estudou-os em separado: a sua razão andou assim caminho ordenado e methodico. A reflexão pois, elevada á altura do methodo, aperfeiçoada em differentes seculos, por homens e escholas diversas, é a philosophia dos nossos dias, é a philosophia de que nos vamos occupar (2).

Fazendo este caminho a intelligencia humana conheceu, que mil coisas eram necessarias á existencia e bem estar do homem: creou assim as sciencias fisicas e mathematicas, isto é, o util — Entre as coisas uteis, que serviam ao seu commodo reconheceu outras na vida social, que eram justas ou injustas, bellas ou disformes: e elevou-se por fim á idéa de causa, a Deus.

Assim devia de ser, por que um mundo sem Deus é um enigma incomprehensivel, é um peso enorme para o coração humano; e um Deus sem mundo é como se não existisse (3).

Vê-se daqui que a reflexão humana no seu desinvolvimento creou o util, o justo, o bello, e concebeu a Deus. Isto tudo constitue o mundo fisico e o mundo moral; e faz-nos crêr, que a philosophia é a unica sciencia sobre a terra; e que as que ahi apparecem com denominações differentes são apenas ramos desta grande arvore.

Leibnitz, senhores, foi o unico philosopho que quasi chegou a abraçar a grande arvore dos conhecimentos humanos. Ora esta tem engrossado de tal fórma, ha dois seculos, que se para merecer o nome de philosopho fosse necessario fazer um caminho ainda maior do que fez Leibnitz, poderiamos desesperar de ser philosophos.

A philosophia de que nos occupamos é bem mais restricta; é o pensamento em si, nas suas differentes fórmas, reagindo sobre si mesmo e sem applicação ao mundo fisico: é a parte transcendente dos conhecimentos humanos, o *alpha* e o *omega* do alphabeto das artes e sciencias. E, se eu tiver a fortuna de vos demonstrar esta verdade, deduziremos, que as instituições sociaes repousam todas sobre a philosophia, e que quando esta chegar ao seu completo desenvolvimento, o homem achará sobre a terra a edade de oiro da mythologia, uma similhança do Eden divino.

A philosophia considerada arte de pensar, dá os primeiros elementos ás sciencias, porque ensina a discorrer: considerada reflexão em grande com o cortejo dos methodos e processos que lhe são proprios, dispõe e arranja estes elementos: considerada sciencia das idéas, ultima reflexão, medida da verdade emfim é o remate do grande edificio artistico e scientifico: é a seiva da arvore, que penetrando na parte mais tenra da raiz se eleva até ás suas maiores alturas, até aos seus mais elevados ramos, sem faltar com a nutrição a parte alguma.

Assim é, Senhores. A philosophia desprendendo-se da terra, eleva-se atravez das solidões do espaço ao absoluto, ao infinito, a Deus.

Todas as obras humanas teem a sua philosophia. Esses monumentos, que as gerações nos deixaram para atestarem a sua grandesa, mostram-nos as idéas dos homens que lhes adormeceram ao lado; e mais ainda, se a philosophia é a ultima verdade de um povo, o seu ultimo pensamento; delle se devem deduzir as forças que convergiram para dar a somma total: quero dizer que dos monumentos se deve deduzir a philosophia do seculo ou seculos, que presidiram ao seu desenvolvimento, e desta a legislação, costumes, artes e sciencias etc.

Esta é a verdade, senhores; que se assim não fôra, quem nos havia de hoje dizer, quaes foram os pensamentos dos homens, que construiram Thebas, as piramides do alto Egypto, Babilonia etc. etc. e em geral a philosophia dos povos, que só nos deixaram monumentos de pedra ou máus escriptos?

Os monumentos da edade media mostram-nos as diversas crises por que a Europa passou, depois da queda do imperio romano, de uma maneira tão clara como o faz Robertson na sua introducção á historia de Carlos V.

Rémusat, Colebrook e Cousin ensinam-nos a fazer as ultimas deducções.

Tenho-vos mostrado até aqui, senhores, como nasceu e se desenvolveu a philosophia; a sua importancia, e relações com as outras sciencias: resta-me agora indicar-vos a estrella que nos deve guiar na viagem, que pertendemos fazer, porque é sempre bom, antes de partir, precisar o fim a que nos dirigimos, e qual o rumo que devemos seguir.

MANUEL DOS SANTOS PEREIRA JARDIM.

(*Continúa*).

---

(1) Cousin introducção á historia da philosophia.
(2) Cousin introducção á historia da philosophia.
(3) Cousin curso da historia da philosophia.

MAPPA DO MOVIMENTO DAS ESCHOLAS PUBLICAS E PARTICULARES NO DISTRICTO D'AVEIRO NO ANNO LECTIVO DE 1847 A 1848.

CONCELHOS.	Total dos alumnos no fim do anno lectivo anterior.	Sahiram.				Existentes no fim do anno lectivo de 1847 a 1848.	Numero approximado dos moços que não frequentaram as escholas.			
		Para estudos superiores.	Para occupações.	Por serem riscados.	Sem causa.		Por indigentes.	Por occupados na lavoira ou officios.	Por assistencia a mais de um quarto de legua.	Sem causa.
Agueda	185	15	58	5	2	201	90	132	207	92
Albergaria	159	1	18	»	11	80	29	29	30	8
Angeja	146	»	7	6	12	121	»	»	»	44
Annadia	108	5	15	5	1	103	33	67	144	13
Arouca	159	3	19	6	6	162	10	25	44	»
Aveiro	266	»	»	»	»	367	95	50	»	82
Bemposta	265	1	26	5	18	215	58	78	54	111
Castello de Paiva	53	8	4	»	7	48	200	289	450	»
Eixo	129	»	9	»	12	111	6	22	96	15
Estarreja	261	11	22	19	»	280	144	270	»	»
Feira	315	13	36	24	1	268	527	860	1:075	339
Fermedo	37	»	5	8	»	30	»	»	»	»
Ilhavo	209	12	6	»	16	286	30	66	10	45
Macieira de Cambra	181	15	13	»	11	158	33	76	62	95
Mira	64	»	»	»	»	64	37	70	200	»
Oliveira d'Azemeis	370	5	61	9	23	394	188	263	44	275
Oliveira do Bairro	81	3	20	»	»	104	»	»	»	»
Ovar	412	10	40	»	»	476	190	215	56	40
Pereira Juzan	51	»	19	»	»	56	43	182	94	»
S. Lourenço do Bairro	54	»	2	»	32	20	15	30	40	»
Sever	106	5	»	3	»	93	10	64	112	52
Sora	69	»	»	»	»	70	2	53	200	59
Vagos	67	3	»	»	15	49	30	17	»	20
Vouga	262	6	14	4	20	233	97	73	29	155
Somma	4:009	116	394	94	187	3:989	1:867	2:931	2:947	1:445

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO IV.

Primeiro encontro.

(Continuado de pag. 90.)

131 Levado pela idéa de alargar as fronteiras do seu reino, Luiz XIV concluíra na Haya um tractado pelo qual a França e a Hollanda dividiam entre si os Paizes-Baixos, e por isso em 1666, época em que teve logar o casamento de El-Rei de Portugal com D. Maria Francisca Isabel de Saboya, elle se achava interessado na guerra da Inglaterra contra a Hollanda.

A declaração de guerra entre a França e a Grã-Bretanha, não tivera só por origem a questão hollandeza, e a venda de Dunkerque; motivos comicos, — como em muitas das questões daquelle tempo em que o capricho dos reis valia mais do que o interesse das nações, — contribuiram tambem para este perigoso rompimento. Um desses motivos a que os diplomaticos — gente acostumada a dar valor ás coisas imperceptiveis — deu grande importancia, foi Lord Hollis, embaixador da Inglaterra em París, recusar o tractamento de *excellencia* ao Secretario de Estado de Luiz XIV: o outro motivo, ainda mais *grave* segundo os diplomaticos, foi o ter-se representado em Londres uma comedia, em que Carlos II tinha um dos primeiros papeis, e na qual era achincalhado o Rei de França.

Este rompimento entre as duas potencias, que protegiam Portugal, causou grande desassocego aos ministros de Affonso VI. O Marquez de Sande, nosso embaixador, procurou por todos os modos conciliar as duas côrtes, mas não o pôde conseguir: comtudo pelo seu talento e tacto politico, elle pôde conservar a Portugal a protecção e estima dos dois poderosos Monarchas.

A Europa estava n'um momento de transformação; começavam a constituir-se os grandes centros, que ainda hoje dominam a politica do mundo e formam, entre si, isto a que chamam *equilibrio-européo*, e que é o equilibrio mais instavel que se conhece.

O abalo que a *Reforma* tinha dado ás idéas, produsíra uma completa mudança na organisação intima das nações. A Hispanha caíra com Filippe II; a França começava com Luiz XIV a adquirir o logar eminente na politica, que ella depois soube conservar por tantos annos.

Portugal carecia de tomar uma posição definida na Europa moderna. Desligado da Hispanha, este reino precisava de poderosas allianças para poder existir. O casamento da Infanta D. Catharina com Carlos II de Inglaterra, havia estreitado os laços que nos uniam a esta poderosa nação; mas esses laços, que mais tarde se tornaram em grilhões de ferro, tecêmol-os nós com as fibras do nosso corpo. A magnifica Bombaim, a praça de Tanger que tanto sangue e sacrificios nos custára, perto de quatro milhões em oiro e em joias, e a auctorisação para os negociantes inglezes pagarem, pelas suas mercadorias, só metade dos direitos que pagavam os negociantes das outras nações, constituiram o dote da Rainha de Inglaterra. Foi a protecção da nossa *constante alliada* que comprámos com o dote da filha de D. João IV; comprámo-la cara, muito cara! É porém de notar que a Inglaterra nunca vendeu mais barato os seus serviços a ninguem.

A alliança franceza foi até ao tractado dos Pyrinéos um dos esteios em que se apoiou a nova nacionalidade portugueza. Nesse tractado fomos sacrificados pelo cardeal Mazarino. Havia porém, no casamento celebrado entre Luiz XIV e a filha de Filippe IV um germen de novas guerras entre as corôas de Hispanha e de França; e essas guerras começaram pela morte de Filippe. A França, para conservar sempre enfraquecidas as forças da sua rival, não nos abandonou nunca de todo. Não passou um só anno sem nos enganar com a promessa de uma liga offensiva e defensiva contra a Hispanha.

O casamento de D. Affonso VI com a princeza d'Aumale, parenta de Luiz XIV, estreitava as relações da França com Portugal; e dava ao povo a esperança de ver terminada a guerra com os hispanhoes que durava já ha vinte annos. O povo ignorava que o interesse da França era impedir a união das duas corôas, e que fôra principalmente a politica doble de Luiz XIV que rompeu as negociações que, no fim do anno de 1665, o embaixador inglez Franshaw entabolou entre Portugal e Hispanha.

A Inglaterra estava empenhada em servir de medianeira, para estabelecer pazes entre a Regente de Hispanha e El-Rei de Portugal. Nesse mesmo anno de 1666 viéra a Salvaterra, onde estava a côrte, Ricardo Franshaw a trazer pro-

postas de paz, que não foram acceitas por não ser nellas tractado D. Affonso VI como rei pela Regente de Hispanha. Por esse mesmo tempo chegára o abbade de S. Romão para offerecer os serviços da côrte de França, e persuadir o Marquez de Castello Melhor a que preferisse a liga com aquella nação á mediação ingleza.

N'uma outra negociação da maior importancia politica e religiosa podia a França ser util aos interesses de Portugal. As nossas relações com a côrte de Roma estavam inteiramente cortadas desde a revolução de 1640: não tinhamos bispos, e o clero achava-se em extremo desmoralisado. Alexandre VII só attendia aos interesses de Hispanha, e deixava no abandono e na tristeza um povo sempre fiel á religião catholica romana. A Rainha de Inglaterra mandára, mas sem resultado, a Roma, Belling, catholico irlandez, para tractar dos negocios de Portugal; embaixadores portuguezes tinham ido para o mesmo fim á côrte do Papa, mas sempre inutilmente. Era pois da influencia de Luiz XIV, que soubera, por occasião de um insulto feito ao seu embaixador M. de Créqui, dobrar á sua a vontade de Alexandre VII, obrigal-o a dissolver a sua guarda corsa, e a levantar n'uma praça uma *columna infame*, para eternisar a sua vergonha, era desse rei poderoso e temido que os portuguezes esperavam o restabelecimento da concordia entre a corôa de Portugal e a curia romana.

Todas estas causas reunidas, como dissemos já, á esperança de que o casamento faria mudar os costumes e o caracter de El-Rei, produsiam no povo grande regosijo. A cidade tinha-se despovoado; toda a gente tinha corrido ás praias, ou ao cimo dos montes para vêr as naus francezas, e assistir ao desembarque da Rainha.

O Tejo tambem estava, proximo á terra, coalhado de barcos, por entre os quaes vogava, ás vezes a custo, a falúa em que íam os moços fidalgos de Sua Alteza.

Chegando á Junqueira, a falúa abicou á praia; dois remeiros saltaram ao mar para a impellir com os hombros, e fazel-a entrar mais pela arêa, e os creados do Infante, posta uma prancha, saltaram em terra.

O logar do desembarque ficava a uns cem passos da ponte, que se tinha armado para receber a Rainha: e por isso o concurso era immenso alli; e os coches e as liteiras em maior quantidade do que no resto da praia. A custo poderam os creados da caza de Sua Alteza atravessar a multidão, em grande parte composta de cavalheiros e damas elegantes, por entre os quaes se via entretanto negrejar o gibão e a capa dos homens do povo. Comtudo, ora pedindo por favor, ora usando da força dos pulsos e dos hombros, elles foram rompendo, e approximando-se da ponte, onde deviam esperar por seu amo.

Francisco d'Albuquerque estava extasiado á vista daquelle brilhante espectaculo: os olhos tinham-se-lhe dilatado, a bocca semi-aberta exprimia a maior das admirações, a admiração de um provinciano na côrte. Em vez de seguir de perto os seus companheiros, o pobre capitão parava a cada instante, ora para ver um coche, ou admirar os olhos de uma mulher bonita, ora para notar os arreios doirados de algum cavallo fogoso e soberbo. Para elle tudo era novo, tudo era bello; os olhos não se lhe fixavam em coisa alguma mais de um segundo, mas eram tantas as coisas a ver, que elle se foi deixando ficar para traz e perdeu de vista os outros mancebos.

De repente parou, e sem se importar com a multidão que o cercava e o opprimia de todos os lados, ficou a olhar com a mais profunda e sincera admiração para uma dama, que a poucos passos delle sopeava os impetos de um formoso cavallo, em que estava elegantemente montada.

A dama mereceria a admiração de um rei, se um rei a visse naquelle instante; a sua belleza era daquellas para que se não póde olhar sem sentir logo o coração estremecer no peito, e um vago sentimento de amor vibrar no intimo da alma. As suas feições eram regulares e perfeitas, não como as de uma estatua grega, mas como as das virgens, que os pintores hispanhoes pintavam então nos seus admiraveis quadros; a côr da pelle, ligeiramente aveludada, era essa côr encantadora que só possuem as mulheres meridionaes, que se póde comparar á da perola, mas que é infinitamente mais bella; os olhos, pretos e luminosos, formavam um mysterio que se não podia decifrar, tão vaga era a expressão delles, tão escondidos estavam n'uma lagrima cristalina que se não desprendia nunca das palpebras longas e ligeiramente curvadas.

Na cabeça tinha a bella cavalleira um chapéo de abas largas e levantadas, como então uzavam os homens de côrte, ornado de plumas brancas de abestruz, e por baixo do chapéo saía uma cabelleira *em guinguetas* (*) que lhe real-

(*) Com duas tranças cubertas de feta.

çava ainda a belleza dos olhos negros. Vestia uma casaca de *escarlata* bordada de oiro com botões de diamantes, por baixo da qual se via uma camiza alvissima de *cambray* preza no colarinho por uma fita de *ponço* (*); a sáia era de *nobreza azul* com uma barra bordada de *canotilho*. As mãos escondiam-se n'umas finissimas luvas de Ocanha, e os pés, que, com os movimentos do cavallo, Francisco d'Albuquerque tinha podido perceber, n'uns sapatos pequenos como os de uma creança de dez annos, de seda verde-escura com saltos vermelhos. Arrecadas preciosas de esmeralda, e um colar de grossas perolas a que pendia um frasquinho de oiro, como então traziam as senhoras, com agua de cheiro, completavam o elegante vestuario da formosa dama.

O moço provinciano não se fartava de admirar os encantos da mulher feiticeira, que lhe apparecia no meio da multidão como estrella solitaria em noite tenebrosa. Tudo se sumiu, gallas e festas desappareceram de diante dos olhos de Francisco d'Albuquerque; o mancebo enthusiasta não via já senão a chama daquelles olhos negros, que a elle lhe pareciam mais bellos, não só do que os olhos de todas as mulheres que elle até então tinha visto, senão das que tinha imaginado nos seus mais delirantes sonhos.

O ingrato de tudo se esquecêra naquelle instante; até do juramento feito a Thereza, á sua companheira da infancia, á filha do seu protector. A côrte começava a influir no candido coração do provinciano.

A admiração extatica do mancebo, que era bello e a quem a sua vida de soldado tinha dado um ar de soberba e ousadia que estava em perfeita harmonia com o caracter das suas feições, attraiu a attenção da dama, que até alli parecia cuidar só nos graciosos movimentos do seu formoso cavallo. Os olhos della encontraram-se com os do atrevido Capitão; e um sorriso quasi imperceptivel lhe animou o rosto.

Descontente talvez de ter mostrado por aquelle ligeiro sorriso que lhe não era indifferente a extatica admiração do mancebo, a gentil cavalleira levantou o chicotinho doirado que tinha na mão direita e fustigou com elle a anca do brioso cavallo. O cavallo firmando-se nas pernas deu dois galões, sacudindo a crina longa e ondeada; mas a mão breve e delicada da dama sugeitou logo a furia do animal que ella propria tinha excitado.

De proposito ou involuntariamente porém a dama deixou caír o chicote, quando Francisco d'Albuquerque corria para agarrar o cavallo e impedir alguma catastrofe; e o namorado capitão abaixou-se a apanhal-o, antes que acudissem á voz da sua ama quatro criados vestidos de azul que acompanhavam a gentil cavalleira.

O moço provinciano, curvando ligeiramente o joelho, offereceu ao objecto da sua subita admiração, com elegancia digna de um casquilho de corte, o chicote doirado que lhe tinha escapado da mão. Ella recebeu o obsequio de Francisco d'Albuquerque com o ar magestoso de uma rainha acostumada a receber a côrte dos seus mais nobres vassallos; e deixando caír dos labios em sons sonoros e puros, que as tornavam divinas, estas palavras vulgares — « Muito obrigado, senhor » — voltou o cavallo e partiu quasi a galope, rompendo por entre a multidão.

Francisco d'Albuquerque ficou parado a seguir com os olhos a dama; e só o tiraram do seu extasi as palavras singulares que entre si trocavam alguns dos seus visinhos.

— Pobre rapaz! — dizia uma velha olhando com compaixão para elle — pobre rapaz! está perdido!

— É verdade! já outro dia por causa della mataram o filho de um mestre de campo. E que guapo rapaz que elle era! — exclamava outra.

— Por similhante mulher!... E ella continuará a viver aqui, depois da chegada da nossa Rainha! — dizia um homem.

— Talvez, talvez. O diabo protege a *Calcanhares*. Nada me admira! — redarguia outro.

Francisco d'Albuquerque escutava a conversa dos seus visinhos, quando Luiz de Mendonça, que havia dado pela sua falta e tinha voltado para traz a procural-o, chegou junto delle.

— Que fazes aqui? — perguntou este — Então porque não vens para ao pé de nós; estamos alli, á entrada da ponte?

— Quem é, — perguntou o Capitão ao seu amigo, sem attender ao que elle lhe dizia, e apontando para a dama, que já ía a distancia — quem é aquella linda mulher?

— Ah! É Margarida, a Calcanhares, a amante de El-Rei — respondeu Mendonça com um gesto de despreso.

Francisco d'Albuquerque sem dizer mais palavra, seguiu o seu amigo, que abria caminho

(*) Côr de fogo.

por meio da gente que se apinhava nas proximidades da ponte, e que era apenas detida pela guarda dos archeiros.

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

(Continuar-se-ha.)

JERUSALEM.

A minha mãe.

(CARTA.)

Sr. Redactor.

132 Ahi vae, a final, a Jerusalem.

Não sei se esta pequena composição, tão pequena, principalmente em vista do assumpto, poderá merecer a honra de ser publicada na REVISTA UNIVERSAL.

No caso de V. assim o julgar, peço-lhe que me permitta, que a dedique a minha mãe.

Dizem os viajantes, que as primeiras impressões dos Logares Santos nos transportam ao paiz natal; não deve por tanto admirar que tantos nomes bebidos com o leite da infancia, me recordem com saudade os primeiros annos da minha vida, decorridos debaixo dos olhos de minha mãe, affagados com os seus carinhos e com a sua extrema ternura.

É um tributo bem pequeno que lhe pago, comparado com a sua illimitada affeição, bem grande depois de medidas as minhas forças.

24 de outubro de 1839.

Sou de V. etc.

L. CORRÊA CALDEIRA.

Como assim solitaria está assentada uma cidade cheia de povo: chegou a ser uma como viuva a senhora das gentes.

Jeremias.

Quem tivera a lyra d'oiro
Dos prophetas de Sião!
Quem vira as terras da Siria,
Por onde corre o Jordão!
Quem vira os campos tostados,
Os penedos abrasados
D'antiga Jerusalem,
Que nos termos do Oriente
Brilha ainda a luz fulgente
Do astro de Bethelem.

Teu nome é grave poema,
Ó sacro-santa cidade,
Escripto em lettras de sangue
Nos fastos da humanidade.
Um brado teu no Oriente
Revolveu todo o Occidente,
Curvou o dorso do mar:
Teu nome abalou imperios,
Fez em vastos cemiterios
Tuas arêas tornar.

Quem não tem curvado a fronte,
Sob as arcadas sombrias,
Ouvindo o orgão chorando
Co'o pranto de Jeremias?
Quem não ouviu pelas naves
Passar os cantos suaves
Dos poetas da Judêa?
Quem entre aquella harmonia
Não bebe o fel d'agonia
Da cidade que prantêa?!

Jerusalem, a senhora,
A rainha d'Israel!
Aquella patria soberba
Cantada por Daniel!
Que nome, qu'eterna gloria,
Quantas paginas d'historia
Neste nome de Sião!
Quem não pensou um instante
N'aquelle drama gigante
De Christo, da Redempção?!

Magos poetas da Siria,
Inspirados pelos céus,
Liras sagradas da Biblia
Chorando a ira de Deus,
Vossa passagem no mundo
Foi um gemido profundo,
Um grito da escravidão;
Mas vossas sombras sagradas
Choram inda debruçadas
Sobre as aguas do Jordão.

Oh! se eu escutar podéra
Do deserto a brisa ardente,
Dos rios de Babilonia
Sobre a languida corrente!
Se beijar podéra os traços
Vestigios de vossos passos
Nas terras do captiveiro;
Se o ecco de vossas magoas
Ouvíra gemer nas aguas,
E nas folhas do salgueiro!

Não posso; a mão do destino
Prendeu-me em terra distante;
Mas sigo de vosso genio
Essa estrella scintillante;
E escuto a voz divina
Das harpas da Palestina,
Dos psalmos do rei cantor;
E colho as flores caídas,
As lagrimas desparzidas
Sobre a terra do Senhor.

Deixo vagar os meus olhos
Sobre as paginas da historia,
E pelas trevas do tempo
Vejo brilhar vossa gloria;
Vejo nas remotas éras
Passar as sombras austeras
Dos velhos reis de Judá,
Cujos tumulos desertos
Fixam, já entre abertos,
O valle de Josaphat.

Os sec'los passam debalde
P'ra ti, ó Jurusalem,
P'ra ti, cidade guardada
Pelo Golgotha e Be'lem!
P'ra ti, que ostentas d'um lado
Esse berço consagrado
D'uma crença sem egual,
E do outro a sepultura,
Que tragou a raça impura
D'imperio quasi immortal!

Que importam chagas abertas
Pelo ferro, e a escravidão
P'ra ti, a eterna cidade
De David, e Salomão?
Vêr Babylonia deserta,
Sua memoria coberta
Do lodo das tradicções;
E a estrella dos teus magos,
Por cima de teus estragos,
Brilha aos olhos das nações.

Teus patriarchas dormiam,
Em sua eterna mansão,
Escutando a voz das aguas
Da torrente do Cedrão;
Junto do valle sagrado,
E pelos céus destinado
P'ra julgar a humanidade;
D'esse valle de misterios,
Que tem de vêr os imperios
Entre o mundo e a eternidade!

E veio o ferro acordal-os
De Nabuchodonozor,
Instrumento dissoluto
Da justiça do Senhor:
E suas cinzas dispersas
Foram na terra submersas
Com o teu templo sem par:
O oiro de teus altares
Gasto nos impios folgares
Do devasso Balthazar.

Chorae, prophetas sagrados,
Chorae, filhos de Sião,
Escravos de Babylonia,
Da mãe da devassidão!
Vossas tribus perseguidas,
Vagam tristes, e perdidas
Nos desertos de Judá;
Chorae, porque o vosso pranto
Vae erguer o denso manto
Da ira de Jehovah.

Silencio, eis d'Izaias
A prophecia de pé!
Curvae-vos, reis deste mundo,
Outro rei nascido é:
Outro rei, que a um sopro escasso
Dispersa os astros no espaço,
E povoa a immensidade!
Outro rei, muito diverso,
Que tem aos pés o universo,
E na mão a eternidade!

Jerusalem, foi immenso
Qual teu nome o crime teu:
Que o diga, no mundo errante
O resto do povo hebreu;
Que o diga o pranto de Christo,
O pranto que tu has visto
Correr, do monte Sião;
Que o diga Israel inteira,
Vergando em terra estrangeira
Co'o pezo da execração.

Quem póde pintar agora
As tuas tribulações,
Ora captiva, por terra,
Ora orgulho das nações?
Ora vendo o sol d'Oriente
Deslumbrar remota gente,
Mostrando-lhe a cruz divina,
Ora no lodo arrastada
Pela torrente abrazada
Da tormenta de Medina.

Bradaste, e todo o Occidente
A teu brado estremeceu!
E o turbilhão das cruzadas
Os imperios revolveu!
Vêde as arêas ardentes,
Padrões ao mundo patentes
Dessa guerra collossal:
Os feitos de Godofredo,
De Balduino, e Tancredo,
Heroes do Tasso immortal.

Agora triste, esquecida,
Pobre filha d'Israel,
Vês teu templo profanado
Pela planta do infiel!
A voz chorosa do vento
É p'ra ti como um lamento
Na harpa de Jeremias:
És cidade de tristezas,
Passou nas tuas grandezas
O sopro das prophecias.

Mas tu não pódes morrer,
Não pódes, santa cidade;
Tu vives só do passado,
De lembranças, de saudade:
Póde o tempo fugitivo
Esmagar imperio altivo,
Consumir as gerações;
Mas não rasgar na memoria
Todo esse livro d'historia,
Guardado nas tradicções.

Tu vives de cada pedra
Que marca um passo de Deus,
Dessa estrella fugitiva
Guiando os magos dos céus;
Vives de passadas magoas,
Do gemer das pobres agoas
Da fonte de Siloé;
E d'angelica poesia,
Da vaga melancholia
Da Virgem de Nazareth.

Tu vives de teus prophetas,
De Jerichó, do Jordão,
Da Judêa, do Mar Morto,
Da gloria de Salomão;
Vives da vida do mundo,
Desse misterio profundo
Da vida do Redemptor!
Tens ainda regio manto,
Por throno o Sepulchro santo,
Por sceptro a cruz do Senhor!

Outubro de 1849.

L. CORRÊA CALDEIRA.

NOTICIAS E COMMERCIO.

ACTOS OFFICIAES.

18 a 28 de Novembro.

DIARIO N.° 269.

133 Decreto approvando a liquidação das Contas da Companhia das Obras Publicas de Portugal.

Portaria elogiando o comportamento havido pelos habitantes de muitos concelhos do districto de Vizeu, no soccorro que prestaram aos moradores do logar de Codeçaes, onde um violento incendio em Julho de 1848 redusiu a cinzas 28 cazas.

Portaria, acompanhada do regulamento, estatuindo o modo como se podem obter certidões dos livros das actas dos corpos collectivos do Estado.

Portaria declarando que o protesto e requerimento de varios socios da Companhia União Commercial não podem ter logar por meio de reclamação ao governo.

Outra supprimindo o logar de aspirantes da segunda classe da alfandega Grande de Lisboa.

DITO N.° 271.

Portaria ordenando que o Tribunal de Contas se occupe incessantemente da confecção do Regimento por que deve regular-se o serviço a cargo do mesmo Tribunal.

DITO N.° 274.

Portaria approvando um plano que designa as Repartições, em que ficam divididas a Secretaria de Estado e as Direcções Geraes do Ministerio da Fazenda.

EXPOSIÇÃO PHILANTROPICA.

134 No Domingo, as muitas pessoas, que concorreram á Sala da Exposição da Industria, ficaram profundamente commovidas, ao verem mais de 300 creanças, pertencentes ás Cazas do Asylo da Primeira Infancia desvalida, juntamente com um avultado numero de pobres do Asylo de Mendicidade, percorrer aquella vastissima sala.

As creanças entoavam hymnos de louvor a Deus e aos seus bemfeitores, e as suas vozes, grupando-se em uma suave e terna harmonia, echoavam pela amplidão da sala, fazendo rebentar as lagrimas de muitos olhos. — O povo afastava-se respeitoso ante esse prestito, e mais de um braço, vestido grosseiramente, se estendeu para affagar os rostos das creanças resplandecentes de alegria, ou para enxugar as lagrimas causadas por tão edificante espectaculo.

Por toda a cidade foi grande o effeito moral produdusido pela passagem das diversas escholas, que com suas bandeiras na frente, e acompanhadas pelas pobres mães, se dirigiam para a sala da Exposição.

A infancia e a velhice agradecendo, com a sua presença e suas preces, a charidade de toda uma cidade, deixaram nos corações de quantos os viram recordações, que não esquecerão nunca.

Eis-aqui o producto do beneficio durante todos os dias de exposição em favor dos Asylos: —

Domingo 25 de Novembro	.....	314$935
2.ª feira 26 »	.....	343$325
3.ª feira 27 »	.....	555$430
4.ª feira 28 »	.....	594$400
Domingo 12 de Dezembro	.....	428$600
3.ª feira 4 »	.....	264$160
4.ª feira 5 »	.....	14$670
	R.$	2:515$520

O SR. CAZELLA.

135 Por duas vezes, o Sr. Cazella deu, no Theatro de S. Carlos, provas de sentimento e execução artistica. O violoncello obedece á sua vontade com pasmo do publico.

É impossivel toear com mais expressão, e tirar do violoncello sons mais puros e harmoniosos.

PRAÇA DE LISBOA.

Em 5 de Dezembro.

136 Fundos publicos 54 por cento. — Acções do Banco, 445$000 réis. — Desconto de notas, 930 a 950 réis por moeda.

Cereaes em 5 de Dezembro.

Trigo do reino rijo . . .	de 350 a 450	réis	a bordo	
» » molle .	de 410 a 460	»	»	
» da ilha.	de 325 a 380	»	»	
Milho do reino.	de 220 a 225	»	»	
» da ilha.	de 190 a 200	»	»	
Cevada do reino.	de 190 a 200	»	»	
» da ilha	de 170 a 180	»	»	
Centeio do reino	de 210 a 215	»	»	

Estado do mercado, em 5 de Dezembro.

Algodão de Pernambuco 115 a 120 rs. — Dito do Maranhão 100 a 110 rs. — Dito da Bahia 105 a 110 rs. — Houve pequenas vendas para o consumo.

Assucar de Pernambuco B. 1.ª e 2.ª sorte 1$400 a 1$550 rs., 3.ª e 4.ª dita 1$300 a 1$350 rs., 5.ª e 6.ª dita 1$200 a 1$250 rs. — Do Rio dito 1$350 a 1$400 rs. — Da Bahia dito 1$250 a 1$350 rs. — Das Alagôas dito 1$200 a 1$250 rs. — Do Pará, bruto 900 a 1$000 rs. — Mascavado novo 1$050 a 1$100 rs., dicto velho 850 a 1$000 rs.

Continúa frouxo o mercado, limitando-se as vendas para o consumo.

Cacáu 1$700 a 1$750 rs. — Preços nominaes.

Caffé do Rio. — Todo o que havia no mercado se vendeu para reexportar e para o consumo, entre o preço de 2$200 a 2$400 rs.; á excepção de algumas pequenas partidas, que se acham em mãos de possuidores mais firmes.

Cera de Angola B. 230 a 235 rs. — Dita A. 225 a 226 rs. — Não tem havido vendas.

Marfim de lei 950 a 1$100 rs. — Dito meão 830 a 850 rs. — Dito escravelho 550 a 650 rs. — Algumas vendas houve para reexportar.

Urzella 5$800 a 6$000 rs. — Não nos consta que houvesse vendas.

PRAÇA DE LONDRES.

Em 26 de Novembro.

137 Foram cotados os fundos publicos das differentes nações do seguinte modo:

FUNDOS INGLEZES.

Do Banco.		198½	199½	Por 100.
Consolidados.	3 p. %	94⅞	95	Por 100.
Redusidos	3 »	93⅞	94	»
Fundos	3¼ »	94⅝	94½	»
Exchequer bills de Março . .		47	50	Premio.
» » de Julho . .		—	—	

ESTRANGEIROS.

Belgas	4½ »	85½	86½	Por 100.
Brasileiros.	5 »	84½	85½	»
Dinamarquezes	3 »	72	73	»
Hispanhoes	5 »	17¼	17½	»
Ditos	3½ »	36¾	37¼	»
Hollandezes	4 »	82½	83	»
Ditos	2½ »	54¼	54¾	»
Mexicanos.	5 »	26¾	27	»
Portuguezes.	4 »	34	35	»
Ditos consolid. 1841.	—	33	34	»
Russos.	5 »	108	110	»

— Na mesma praça foram cotados os cambios para com as outras praças do modo seguinte:

CAMBIOS.

Lisboa.	53¼		Por 1$000 rs.
Porto.	53¼		»
Rio de Janeiro.	26½	26½	»
Paris	25 70	25 75	Lib.

EXPEDIENTE.

ESCRIPTORIO E TYPOGRAPHIA — RUA DOS FANQUEIROS N.º 82.

Correspondencia franca de porte — AO REDACTOR E PROPRIETARIO DA REVISTA UNIVERSAL.

Doze numeros . . . . . $600 réis.
Vinte quatro ditos . . . . . 1$200 »
Quarenta e oito ditos . . . . . 2$400 »

POR ASSIGNATURA sahe cada numero a 50 réis: *avulso* 80 réis.

A Redacção annunciará, e, convindo, analisará qualquer publicação estrangeira ou nacional, que lhe seja remettida. O annuncio se fará na parte bibliographica. Quando assentar que o não deve fazer, restituirá a publicação de que não der noticia.

Além dos artigos assignados pelo Redactor, todos os artigos não assignados pelos collaboradores ou marcados, pertencem á Redacção.

Roga aos leitores das provincias e do Brazil, que communiquem os conhecimentos dignos de se publicarem em um Jornal como a REVISTA.

Todos os collaboradores estranhos ou nacionaes são bem vindos.

Todos os inventores, auctores, ou outras pessoas que desejarem fazer conhecer ao publico, machinas, livros, sementes, plantas, objectos de arte, medicamentos, etc. poderão mandal-os para o Escriptorio da REVISTA, annunciando-se e descrevendo-se gratuitamente no Jornal.

Recebemos uma poesia do Sr. A. A. Teixeira de Vasconcellos. Será publicada.

Agradecemos ao Sr. J. Maria de Abreu, a remessa do seu relatorio ácerca da — «Creação de um curos especial de sciencias economicas e administrativas na Universidade de Coimbra.»

O artigo do Sr. Matta Janeiro será publicado.